

# Considerações sobre a realidade externa no *enactment*\*

Jorge Luis Maldonado\*\*, Buenos Aires

*Estabelecem-se diferenças conceituais entre os termos enactment e acting out. Mediante o enactment se tenta modificar a realidade do outro, sua alteridade. A partir de um material clínico de um paciente acometido de uma significativa patologia narcisista, se estuda o medo ao breakdown nos termos de Winnicott e como este medo tinha sido inicialmente experimentado pelo analista e só ulteriormente pelo paciente. Mostra-se a evolução do enactment mediante o processo de elaboração e a substituição do enactment pela representação da fantasia que este contém. Considera-se que o processo de elaboração inconsciente consiste, essencialmente, em uma passagem desde a equação simbólica ao símbolo e isto implica uma transformação no sistema representacional. Trata-se da importância da inclusão da realidade não-eu nas intervenções do analista, ademais das interpretações da realidade interior. Estuda-se o caráter traumático das identificações projetivas recebidas pelo sujeito.*

*Palavras-chave: elaboração, enactment, realidade externa, medo ao breakdown, alteridade, equação simbólica, símbolo.*

---

\* Uma versão abreviada deste trabalho foi apresentada no *Painel: O problema da realidade material na clínica psicanalítica*, no 30º Congresso Latino-americano de Psicanálise da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL) – Buenos Aires, setembro de 2014.

\*\* Psicanalista. Analista de criança e adolescente. Membro da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

Nas últimas décadas, o termo *acting out* começou a ser substituído de forma paulatina pelo *enactment*. Em linhas gerais, o *acting out* descreve como o sujeito, ao atuar, coloca em cena seus conflitos endopsíquicos mediante uma alteração da realidade externa. Por outro lado, o conceito de *enactment*, além de dar espaço ao conflito endopsíquico, remete a uma ação que tem lugar na trama intersubjetiva. No *enactment*, o paciente incide sobre o analista lhe fazendo sentir determinadas emoções ou bem o induzindo, de forma inconsciente, a pensar ou a fazer algo que o paciente se proponha que faça. O termo *acting out* está atualmente compreendido no conceito de *enactment*, embora este seja mais abrangente. Kernberg (2004), citado por Ahumada (2005), considera que o termo freudiano *Agiren* significa *enactment* antes que *acting out*. O *enactment* se relaciona de maneira íntima com a noção de identificação projetiva e implica provocação ou manipulação do objeto (Sandler, 1976; Jacobs, 1986; Sapisochin, 2007; Borensztein, 2009), estimulação ou indução à ação (Spillius, 1992; Paz, 2007). O conceito de *enactment* inclui o de identificação projetiva e, neste sentido, Spillius (1992) entende a identificação projetiva como uma ação que tende a exercer seus efeitos sobre o objeto com distintas finalidades segundo diferentes autores que a autora diferencia:

Klein focaliza os efeitos da identificação projetiva na forma como o paciente percebe o analista. Quanto à concepção de Bion, está predominantemente centralizada na maneira como a ação do paciente induz o analista a sentir o que o paciente inconscientemente deseja que este sinta; por outro lado, Joseph considera que o paciente inconscientemente estimula o analista a atuar em concordância com a situação interna do paciente (p. 72, tradução livre)<sup>1</sup>.

Cabe considerar que Gringberg (1968) acrescentou ao *acting out* um efeito *indutor* quando o analisando, de maneira vicariante, estimula as próprias tendências do objeto ao *acting out*. A descrição de Gringberg do conceito de *acting out* contém, implícitas, várias das ideias que, posteriormente, foram incluídas por outros autores no conceito de *enactment*. Mediante o uso do *enactment* o sujeito pretende que tanto a vontade, o pensamento, quanto o estado emocional do objeto permaneçam

---

<sup>1</sup> “Klein’s way, which focuses on the effect of projective identification on the way the patient perceives the analyst; Bion’s way, which includes Klein’s usage but focuses also on the way the patient’s actions induce the analyst to feel what the patient unconsciously wants him to feel; and Joseph’s extension of Bion’s usage to examine continuously the way the patient constantly but unconsciously ‘nudges’ the analyst to act out in accordance with the patient’s internal situation”.

submetidos ao seu desejo. É a realidade do outro, sua alteridade o que se tenta modificar. Um exemplo extremo desta particular forma de alienação e alteração das emoções pode ser observado – extrapolando o campo de observação – na síndrome de Estocolmo: a vontade e o estado emocional da vítima dependem do que o vitimário a induz a sentir e a desejar. Nesta síndrome, a intencionalidade do sujeito é que o objeto sinta e atue em função de uma vontade alheia. Esta intencionalidade do sujeito requer, para ser efetiva, que o outro se encontre conflituosamente envolvido, de maneira tal que a atuação seja conjunta. É através do estudo do *enactment* mútuo, do analista e do analisando, que a realidade exterior adquire uma importância significativa.

Nesta oportunidade, apresentarei o problema da inclusão no processo interpretativo do que Freud, no *Esboço de psicanálise* (1940), denomina realidade externa, que também é possível denominar não-eu no sentido do que é alheio ao sujeito. Com esta finalidade descreverei uma vinheta clínica para estabelecer considerações sobre algumas vicissitudes da inter-relação analista-analisando.

## Material clínico

*O Sr. D, próximo aos 60 anos, atravessava uma difícil situação vital. Tinha dificuldades econômicas atuais e, ao mesmo tempo, estava acometido por uma doença física com certa gravidade que impedia o desenvolvimento de seu trabalho, sendo esta a atividade que lhe permitia obter dinheiro para seus gastos cotidianos. Sua doença corporal era suscetível de agravar-se, e isto poderia chegar a impossibilitá-lo de obter rendimentos futuros. Anos anteriores, no início da sua análise, D tinha se envolvido em conflitos econômicos determinados por gastos desnecessários; entre outros, precisava alugar grandes e luxuosas propriedades para morar, que excediam, vastamente, tanto suas reais necessidades vitais quanto suas possibilidades econômicas para sustentar-se. Isto implicava despesas importantes, que resultavam desproporcionais em relação a sua renda. Havia mantido um estilo de vida que excedia seus recursos econômicos e, para isto, tinha dilapidado uma parte importante de uma herança que, segundo palavras suas “– Atirara pela janela”– sem ter registro do seu destino. Isto coincidia com um período de alcoolismo grave que durou alguns anos e culminou quando, como consequência de sua extrema e crônica adição, tinha ficado impossibilitado de exercer qualquer atividade de trabalho e apenas podia permanecer isolado na sua moradia, impedido de se movimentar, especialmente, devido à intensa embriaguez.*

Como consequência do trabalho analítico sustentado com uma frequência de quatro sessões semanais, o alcoolismo como sintoma regrediu de forma plena. No entanto, a estrutura narcisista subjacente ao alcoolismo, que consiste no uso acentuado da negação, a tendência a atuações autoagressivas e à necessidade de manter um *self* grandioso, persistiu por um longo período (Maldonado 2007, 2008). A análise tinha sido centrada na sua patologia narcisista, que consistia na necessidade de fazer gastos desnecessários, destinados a manter uma imagem idealizada de si mesmo como expressão da necessidade de manter-lhe a grandiosidade do *self*. Esta imagem idealizada estava impregnada de hostilidade contra si mesmo e o conduziu a exacerbar seus temores do estado de desamparo. Devido às condições de sua atual doença corporal, não sabia por quanto tempo ainda disporia de aptidões físicas para trabalhar. Estava preocupado, também, por ter desperdiçado as oportunidades de adquirir um lugar próprio para morar no tempo em que isto tinha sido possível.

Depois de um consistente trabalho analítico, centrado na sua patologia narcisista e tendência a gerar situações de desamparo, D finalmente conseguira fazer uma reserva econômica que pensava investir na compra de um imóvel que lhe daria certa segurança. Essa reserva lhe permitiria adquirir um lugar digno e confortável, porém, para satisfazer a demanda do *self* grandioso, anunciou que havia decidido se endividar economicamente mediante créditos hipotecários. Sua situação de trabalho e condições de saúde indicavam ser muito improvável que, no futuro, pudesse saldar essa dívida; em consequência, a propriedade que compraria corria o risco de perder-se e de perder, também, todo o capital economizado. D estava embarcando em um *acting out* significativo que, realizado, o conduziria a uma situação de ruína oposta a seu propósito de obter segurança. Era previsível que isto lhe ocasionaria um significativo colapso depressivo. Sua família, enquanto realidade não-eu, resultaria, inclusive, comprometida por esta atuação.

As características descritas permitem considerar que D estava experimentando e comunicando o que Winnicott (1974) denominou *medo ao breakdown* enquanto experiência aterrorizante. Winnicott adverte que este temor projetado no futuro é expressão de uma experiência temível que de alguma maneira já acontecera.

D estava incapacitado para advertir-se do risco a que se expunha. Inclusive o negava quando este risco lhe era interpretado. Porém, a negação sustentava-se à medida que D, mediante um *enactment*, havia clivado e projetado no objeto da transferência o conhecimento do risco que corria de gerar um futuro colapso depressivo, que poderia conduzi-lo a um estado equivalente à morte do *self*.

Enquanto D se encontrava em *enactment*, a angústia perante as consequências prejudiciais de sua ação só era registrada na contratransferência. Este colapso depressivo, *medo ao breakdown* que menciona Winnicott, que se vislumbrava no futuro como experiência aterrorizante, já estava acontecendo no presente, no aqui e agora da relação analítica. No momento, porém, só poderia ser projetado e, como consequência, experimentado e advertido pelo analista em sua contratransferência<sup>2</sup>. Enquanto D estava decidido a levar adiante sua atuação financeira, tinha conseguido abolir a angústia sinal do seu eu e, com isto, sua própria capacidade de prever as consequências de sua atuação atual. Ao projetar esta capacidade no analista tinha alienado e convertido em não-eu parte do seu próprio ser.

Havia neste *enactment* uma importante conotação masoquista. Ao mesmo tempo, um desafio claro estabelecido na relação analítica, enquanto o analista era colocado no papel de espectador passivo, que devia contemplar a ameaça do paciente de realizar uma ação autoagressiva cujos efeitos estavam dirigidos, inicialmente, contra si mesmo e seus objetos introjetados. Embora o paciente pusesse em cena um conflito endopsíquico, tal como Freud o descreve em *Luto e melancolia* (1917), a problemática colocada transcendia a conflitiva endopsíquica, já que, em sua anunciada atuação masoquista, os objetos de seu âmbito familiar, *objetos da realidade exterior*, resultavam afetados. Sua determinação de contrair essa dívida envolvia, também, o objeto da transferência, que ficava impossibilitado de impedir a ação auto e heterodestrutiva que D tentava perpetrar. Nesse sentido, na perspectiva do paciente, o analista permanecia danificado em sua função analítica. A realidade do outro, neste caso o objeto da transferência, resultava acometido em sua alteridade. O conceito de *enactment*, à medida que compreende a intersubjetividade na relação analista-analisando, dá conta deste episódio com maior precisão do que o de *acting out*.

Por outro lado, é evidente que o paciente, quando comunicava a determinação de levar adiante seu *acting out*, não só incluía o analista, para tentar limitar sua função analítica, mas também o envolvia como destinatário de seu inconsciente, para que esta atuação pudesse ser elaborada pelo analista e logo lhe fosse interpretada. Neste sentido, e de forma aparentemente paradoxal, o

---

<sup>2</sup> Ogden (2014) estabelece uma diferença entre acontecimentos que apenas aconteceram e outros que, ademais de acontecidos, foram também *experimentados* e entende que Winnicott se refere ao *medo do breakdown* como algo que *já aconteceu*, mas que *ainda não foi experimentado* “[...] *the fear of breakdown is a fear of a breakdown that has already happened, but has not yet been experienced*” (p. 211).

*enactment*, pode chegar a constituir-se em uma forma de comunicação inconsciente ao permitir ao analista obter uma compreensão da conflitiva do analisando<sup>3</sup>.

D tinha um conhecimento dos próprios limites com relação a sua impossibilidade futura de saldar essa dívida, mas estabeleceu uma desmentida desse conhecimento. Nas patologias narcisistas, como no caso do paciente em questão, a necessidade de enganar e de se autoenganar é significativa. Entre as patologias narcisistas, esta necessidade de autoengano é notória nas perversões (Gálvez & Maldonado, 2002) e, em particular, nas adições (Maldonado, 1996), nas quais se estabelece um culto do que é engano e uma atração intensa pelo erro no juízo de atribuição de significado aos acontecimentos do mundo circundante, bem como aos processos que têm lugar no mundo interior. Nas adições há uma idealização dos meios – como o consumo de álcool e narcóticos – que conduzem à alteração na função do juízo e, por conseguinte, a uma distorção ao atribuir significado ao mundo interior e à realidade não-eu. Os pacientes narcisistas, em particular os que sofrem adições, vivem imersos em um mundo de mal-entendidos autogerados. Constitui-se, assim, um aparente paradoxo que consiste na idealização da distorção e do mal-entendido. Este é um dos fatores que conduz, em círculo vicioso, a um arraigado consumo de droga e álcool, que atuam como agentes facilitadores das perturbações na função do juízo e em seus consequentes mecanismos de negação e desmentida. No caso do Sr. D, o epicentro do *enactment* residia na sua forma particular de tentar envolver o analista no papel de espectador passivo da idealização que efetuava tanto de sua capacidade de negar quanto de sua tendência às ações destrutivas. Estas compreendiam tanto ele mesmo quanto os objetos libidinais de seu meio familiar. Tão significativa era sua atuação na transferência quanto suas atuações em prejuízo dos objetos do entorno familiar. Seus familiares, ao se envolverem e se desconhecem como eventuais prejudicados pelas atuações do paciente, desmentiam a existência desses objetos enquanto constituintes do espaço não-eu e, desta forma, ficavam indiferenciados de seu ser. Isto demandava a necessidade de incluir no interpretar conjecturas que permitissem estabelecer uma nova discriminação entre o que era sua própria pessoa e os objetos não-eu aos quais a atuação também se dirigia.

Na consideração deste *enactment*, – *enactment agudo* em termos de Cassorla (2012) – a interpretação do conflito estabelecido no aqui e agora da relação analítica era indispensável, porém a ação interpretativa requeria incluir, ainda, os objetos de sua realidade externa, seus familiares, também destinatários de sua atuação. Não os incluir na interpretação tinha o significado de sustentar um *splitting* da

---

<sup>3</sup> A função comunicante de certos *actings out* foi destacada por Rosenfeld (1964).

relação do sujeito com um aspecto significativo de sua realidade não-eu extratransferencial.

## A simbolização como substituto da ação

Depois de um considerável trabalho de elaboração, D já era consciente dos possíveis efeitos negativos de sua atuação e tinha decidido renunciar a esta. Quando isto aconteceu, começou a ser substituída pela simbolização das fantasias contidas nessa atuação. Neste contexto, trouxe uma lembrança significativa, que me permitiu obter um novo enfoque da trama de seu *enactment* e que contém valor de fato selecionado (Bion, 1962). D lembrou um episódio no período de sua latência e contou que, um dia, subira até a caixa-d'água, localizada no teto de sua casa e, em uma área de poucos metros, tentara montar uma pipa. Um vizinho que o viu chamou seus pais para adverti-los do risco que D corria de cair no vazio. Um primeiro enfoque permite pensar que esta lembrança dá conta do acontecido na situação analítica. Nesta, o analista, por trás da análise do *acting out*, se encontra – já não como antes – no papel de objeto passivo que apenas pode contemplar suas ações autoagressivas sem ter como impedi-las, salvo no papel de objeto protetor, localizado no lugar de seus pais, representado pelo vizinho que os advertiu do perigo a que D estava exposto. A lembrança indica que o uso do mecanismo de clivagem havia permitido a D permanecer em uma atitude despreocupada, alheia ao risco implícito tanto em sua atual atuação, quanto na experiência de sua infância.

A lembrança de si mesmo quando pequeno montando uma pipa tem o valor de uma metáfora que simboliza a atuação que exibira antes. Mediante esta lembrança estabeleceu-se uma diferença entre a qualidade da angústia, inicialmente projetada na contratransferência que acompanhava o episódio do *enactment*, por um lado e, por outro, o caráter lúdico expressado no ato de lembrar dessa brincadeira de montar uma pipa. A condição lúdica está também implícita na experiência analítica, que permitiu o processo de transformação da sua atuação em representação. Trata-se da lembrança de uma cena, de uma experiência traumática, pelo montante de angústia implícita em sua atuação, tanto pretérita como atual, e que lhe permite resgatar um fragmento da própria história. Seu verdadeiro valor significativo reside em que alude a uma experiência atual e temida: a queda desde uma altura como expressão de um colapso depressivo. Quando o paciente abandona a atuação, este *medo ao breakdown* já não é projetado no analista, mas simbolizado mediante uma representação espacial. O outro desta cena, que, na lembrança, está expressado pelo *vizinho*, representa a função analítica

que lhe permitiu se preservar de uma atuação que poderia tê-lo conduzido a uma experiência autodestrutiva. Representa, também, um aspecto de si mesmo que recupera a função da angústia sinal. Por outro lado, penso que a ação de montar uma pipa em um contexto de risco alude a fantasias desiderativas vinculadas com a aquisição de um *self* grandioso. Estas fantasias estão tingidas de onipotência e hostilidade; ao tentar alcançá-las D fica exposto ao risco de suas próprias tendências hostis. A transformação do *enactment* em representação é uma das manifestações da elaboração e, também, expressão de modificações dinâmicas e estruturais do aparelho psíquico.

### **Considerações sobre o conceito de realidade**

Na teoria analítica ficou estabelecida a diferenciação entre os acontecimentos que constituem a realidade material, por um lado, e, por outro, a percepção que o sujeito teve desses acontecimentos, a conseguinte deformação do percebido devido à fantasia que tem lugar por intermédio das funções de juízo (juízo de existência e de atribuição) e, finalmente, seu posterior armazenamento na memória. Em consequência, a existência dos acontecimentos externos (enquanto realidade material) é diferente tanto da experiência que o sujeito percebeu quanto da transcrição em seu registro mnêmico dessa experiência já modificada mediante a fantasia. Embora a realidade material seja incognoscível, é necessário que se estabeleçam, pelo analista, hipóteses sobre a natureza possível dessa realidade externa, em particular no caso da psicose, na qual a desmentida da realidade é um mecanismo prevalente. Isto não implica que um conhecimento da realidade material possa ser alcançado pelo analista. Significa, pelo contrário, que o analista precisa estabelecer um nível de hipóteses, obviamente subjetivas, para poder avaliar, a partir de sua subjetividade, a magnitude do *acting out*, o nível de deformação possível que lhe conferiu a fantasia à percepção da realidade e, no caso da psicose, qual a eventual intervenção e magnitude dos mecanismos da desmentida. Um exemplo disto tem lugar nas considerações de Ferenczi (1949) sobre a identificação da criança com o agente agressor. Para poder avaliar o processo identificatório é necessário ao analista conceber uma realidade externa, a existência de um objeto externo agressor que se encontre além da fantasia da criança. Há situações, às vezes microexperiências traumáticas, nas quais o sujeito se atribui a culpa e a responsabilidade de um trauma acontecido sem que a responsabilidade que o sujeito se atribui por esse acontecimento em particular concorde com os possíveis fatos da realidade. A versão do paciente pode ser uma

forma de deslocamento que serve a ocultar sentimentos de culpabilidade que provêm de outras fontes; nesse sentido a autoinculpação atribuída a um fato específico está a serviço da repressão. É nestas circunstâncias que ganha sentido a reconstrução dos fatos que o analista venha a estabelecer.

Desde minha condição de analista, ao fazer uma avaliação desta ação e determinar que se trata de um *enactment*, intervenho mediante um juízo de atribuição sobre essa suposta realidade futura que o paciente colocou em jogo. Esta apreciação, por ser essencialmente subjetiva, poderia ser diferente a partir da perspectiva de outro observador participante, que eventualmente considerasse o endividamento de D desde outro enfoque, subestimando, por exemplo, suas possíveis consequências negativas. Em ambas as apreciações trata-se de inferências, obviamente tingidas de subjetividade. Isto conduz ao necessário reconhecimento tanto do caráter subjetivo quanto conjectural das intervenções do analista, alheia a toda certeza, e também das limitações do interpretar que apenas pode oferecer ao analisando um enunciado possível sobre os acontecimentos de seu mundo interno. É apenas ele, o analisando, que poderá avaliar as semelhanças e dessemelhanças desses enunciados com os acontecimentos de sua realidade interna.

Por outro lado, não apenas os acontecimentos perceptíveis pela consciência constituem a realidade não-eu; também o inconsciente coletivo é realidade externa. O inconsciente coletivo é um fator com o qual o inconsciente individual pode entrar em conflito<sup>4</sup>. Os acontecimentos da realidade factual, assim como as condições conflitivas do inconsciente coletivo, são acessíveis apenas mediante inferências. Também a realidade interna, o mundo da fantasia, do qual a relação de transferência é apenas seu reflexo, contém esta condição. Somente os processos de elaboração inconsciente que se manifestam mediante as vicissitudes do processo analítico são capazes de dar conta aproximada da adequação da intervenção do analista<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Um exemplo, assinalado por Green (1976), de confrontação do inconsciente individual com o inconsciente coletivo tem lugar na situação de guerra. Nesta, o inconsciente coletivo impulsiona o sujeito a combater em oposição a suas tendências individuais que tendem à preservação da própria vida.

<sup>5</sup> Em *Construções em análise*, Freud (1937) coloca o problema da validade da interpretação-construção e instaura um método de validação ou refutação do conteúdo da interpretação mediante a avaliação da resposta do paciente. Posteriormente, outros autores investigaram a validade das interpretações. Entre estes Wisdom (1967) – seguindo a sugestão de Kubie (1952) de estudar a resposta do paciente à interpretação – assinala a importância de que as hipóteses clínicas, tal como as de qualquer outra ciência estabelecida, sejam verificáveis. Em comunicações mais recentes este tema tem sido abordado, entre outros autores, por Cassorla (2012) e Etchegoyen (1990, 2001). Este último autor propõe a investigação da sessão e a resposta do paciente à interpretação formulada pelo analista na própria sessão.

## Conclusões

Na análise do *enactment*, é imprescindível interpretar a forma como o analista é envolvido no processo defensivo, que, no caso D, consistia em converter o analista em um espectador passivo de uma experiência autoagressiva. Por outro lado, se a interpretação se circunscreve e limita apenas a interpretar o desdobramento da fantasia, que tem lugar na transferência e, em consequência, se o analista não interpreta essa realidade não-eu, um aspecto significativo do universo projetado pelo paciente permanece clivado de seu ser. A inclusão da realidade exterior resulta, como neste caso, imprescindível. Também é necessário, ao interpretar, incluir hipóteses sobre as identificações projetivas que o sujeito teria recebido de seus objetos libidinais durante sua história. O problema das identificações projetivas que o sujeito pode ter recebido, no curso de seu desenvolvimento, foi talvez insuficientemente investigado na bibliografia psicanalítica e requer uma maior profundidade. Este tema tem sido tratado por Grinberg e Liberman (1966), Bollas (1992), Gálvez e Maldonado (2002), entre outros autores. Uma manifestação eloquente com respeito à análise das ações que provêm dos objetos se encontra em H. Rosenfeld (1983):

Desejo, contudo, assinalar a importância de reconhecer o paciente que sofreu uma intensa intrusão de identificações projetivas de membros próximos da sua família, com frequência desde sua infância até sua adolescência. Este tipo de paciente também trata de projetar violentamente os efeitos de se livrar da tensão e pressão interna. O paciente se sente intensamente magoado e perseguido se o analista não se dá conta de até que ponto ele se sente sendo, ele mesmo, vítima da intrusão, além de, e ademais de, sua própria necessidade e temor de ser intrusivo (p. 265, tradução livre)<sup>6</sup>.

Também Green (1983), sem utilizar o termo identificação projetiva, se referiu aos efeitos daninhos que têm para o sujeito as ações intrusivas dos objetos. Isto implica a inclusão da possível realidade exterior na ação interpretativa.

Em D se produziu uma mudança significativa entre a atuação inicial que o conduziu a um colapso depressivo (queda no vazio) e a representação ulterior de

---

<sup>6</sup> "I do, however, want to point out the importance of recognizing the patient who has suffered an intense intrusion of projective identification from close members of his family, often from early infancy to adolescence. This type of patient also tries to project violently in order to get rid of tension and pressure inside. He feels greatly upset and persecuted if the analyst does not realize to what extent he feels himself to be the victim of intrusion apart from, and in addition to, his own need and fear of being intrusive".

uma criança montando uma pipa e exposta a cair no vazio. Há um processo de elaboração da atuação inicial regida por uma fantasia autoagressiva que também afetava o analista em sua função analítica e os objetos de seu entorno familiar. O processo de elaboração dessa fantasia inicial, que era atuada, consistiu na transformação da atuação em representação. D alcança simbolizar a atuação atual mediante o surgimento de uma lembrança lúdica de sua história. Deste modo, o processo de elaboração tem lugar em nível inconsciente mediante a transformação da atuação em representação e constitui uma nova aquisição em nível de simbolização. O processo de elaboração (Freud, 1914) consiste essencialmente em uma passagem da equação simbólica a símbolo e isto implica uma transformação no sistema representacional. As interpretações que incidem sobre a função simbólica do eu, modificando as equações simbólicas e permitindo sua transformação em símbolos, se constituem no instrumento que instaura o processo analítico e fator de mudança psíquica. Estas diferem essencialmente de outras possíveis intervenções do analista que não são interpretações e que tendem a consolidar outras funções do eu, mas não alcançam instaurar um processo analítico enquanto este consiste em ciclos de mudanças econômicas, dinâmicas e estruturais no nível do aparelho psíquico. Estas mudanças apenas se instauram mediante a interpretação de conteúdos inconscientes. □

## **Abstract**

### **Considerations on the external reality in the *enactment***

Conceptual differences are established between the terms *enactment* and *acting out*. Through the *enactment*, an attempt is made to modify the other's reality and alterity. Starting from the clinical material of a patient suffering from a significant narcissistic pathology, the *fear of breakdown*, in Winnicott's terms, is studied, and how this fear had been initially experienced by the analyst and only later by the patient. The work aims at showing the evolution of the *enactment* through the elaboration process and the replacement of the *enactment* by the representation of the fantasy it contains. It is considered that the process of unconscious elaboration consists essentially in a passage from the symbolic equation to the symbol, implying a transformation in the representational system. Furthermore, the article discusses the importance of including the not-me reality in the analyst's interventions, apart from the interpretations of the inner reality. The traumatic character of projective identifications received by the subject is also under study.

Keywords: elaboration, *enactment*, external reality, *fear of breakdown*, alterity, symbolic equation, symbol.

## Resumen

### Consideraciones sobre la realidad externa en el *enactment*

Se establecen diferencias conceptuales entre los términos *enactment* y *acting out*. Mediante el *enactment* se intenta modificar la realidad del otro, su alteridad. A partir de un material clínico de un paciente afectado de una significativa patología narcisista, se estudia el *miedo al breakdown* en términos de Winnicott y de cómo este miedo había sido inicialmente experimentado por el analista y sólo ulteriormente por el paciente. Se muestra la evolución del *enactment* mediante el proceso de elaboración y la sustitución del *enactment* por la representación de la fantasía que éste contiene. Se considera que el proceso de elaboración inconciente consiste esencialmente en un pasaje desde la ecuación simbólica hacia el símbolo, y esto implica una transformación en el sistema representacional. Se trata de la importancia de la inclusión de la realidad no-yo en las intervenciones del analista, además de las interpretaciones de la realidad interior. Se estudia el carácter traumático de las identificaciones proyectivas recibidas por el sujeto.

Palabras clave: elaboración, *enactment*, realidad externa, *miedo al breakdown*, alteridad, ecuación simbólica, símbolo.

## Referências

- Ahumada, J. L. (2005). Contemporary controversies in psychoanalytic theory, techniques and their applications by Otto Kernberg. *Int. J. of Psychoanal.* 86: 1725-1733.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: Karnac Books, 1991.
- Bollas, C. (1992). Seminarios dictados en la Asociación Psicoanalítica de Bueno Aires.
- Borensztein, C. L. (2009). El enactment como concepto clínico convergente de teorías divergentes. *Revista de Psicoanálisis*, 66: 122-177.
- Cassorla, R. M. S. (2012). What happens before and after acute enactments? An exercise in clinical validation and the broadening of hypotheses. *Int. J. Psychoanal.* 93: 53-80.
- Etchegoyen, H. (2001). Algo más sobre el testeo del proceso clínico. *Subjetividad y procesos cognitivos*, 1: 34-59. UCES.
- Etchegoyen, R. H. (1990). Etchegoyen, R. H. (1990). Sobre la interpretación y su testeo.

Presentado en la Asociación Argentina de Epistemología del Psicoanálisis (ADEP). Buenos Aires, setiembre. *Psicoanálisis. Revista de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires*, 12: 373-399.

- Ferenczi, S. (1949). Confusion of the tongues between the adults and the child. (The language of tenderness and passion). *Int. J. Psychoanal.* 30: 225-30.
- Freud, S. (1914). Recordar, repetir y reelaborar. En *Obras completas* (Vol. 12, pp. 145-157), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1917). Duelo y melancolía. En *Obras completas* (Vol. 14, pp. 235-255), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1940 [1938]). El esquema del psicoanálisis. En *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1937). Construcciones en el análisis. En *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1968.
- Gálvez, M. J. & Maldonado, J. L. (2002). Recrimination in the analytic situation. A hypothesis about its influence on psychoanalytical groups. *Int. J. Psychoanal.*, 83: 1095-110. *Psicoanál: Rev Asoc Psicoanal Buenos Aires*, 23: 87-110.
- Green, A. (1976). Seminarios dictados en la Asociación Psicoanalítica Argentina.
- Green, A. (1983). La madre muerta. In *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.
- Grinberg, L. (1968). On acting out and its role in the psychoanalytic process. *Int. J. Psychoanal.*, 49: 171-178.
- Grinberg, L. y Liberman, D. (1966). Identificación proyectiva y comunicación en la situación transferencial. En A. Rascovsky y D. Liberman (Compilador), *Psicoanálisis de la manía y la psicopatía* (pp. 109-118), Buenos Aires: Paidós.
- Jacobs, T. J. (1986). On countertransference enactments. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 34: 289-307.
- Kubie, L. S. (1952). Problems and techniques of psychoanalytic validation and progress. *Psychoanalysis as Science*. Ed. Pumpian-Mindlin. (Stanford: Stanford Univ. Press.)
- Maldonado, J. L. (1996). Sobre la patología del alcoholismo y la drogadicción en la experiencia psicoanalítica. *Psicoanálisis. Revista de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (APdeBA)*, 18 (2): 259-281. También en: *Escritos clínicos sobre perversiones y adicciones* (pp. 343-371). Compilador: Rodolfo Moguillansky. Buenos Aires: Lumen, 2002.
- Maldonado, J. L. (2002). Sobre la necesidad de distorsionar y de engañar en estructuras perversas. En R. J. Moguillansky (Compilador), *Escritos clínicos sobre perversiones y adicciones* (pp. 115-137), Buenos Aires: Lumen.
- Maldonado, J. L. (2007). Some obstacles facing the psychoanalyst when interpreting narcissistic pathologies: the authoritarian patient. *Bulletin of the British Society*.
- Maldonado, J. L. (2008). *El narcisismo y el trabajo del analista. Paradojas, obstáculos y transformaciones*. Buenos Aires: Lumen.

- Ogden, T. H. (2014). Fear of breakdown and the unlived life. *Int. J. Psychoanalysis*, 95: 205-223.
- Paz, C. A. (2007). Del *Agieren* al *Enactment*, un siglo de cambios y avances. *Revista de psicoanálisis de la Asoc. Psic. de Madrid*, 50: 59-71.
- Rosenfeld, H. (1964). An investigation into the need of neurotic and psychotic patients to act out during analysis. *Psychotic states. A psycho-analytical approach*. London: Hogarth, 1965.
- Rosenfeld, H. (1983). Primitive object relations and mechanisms. *Int. Jour. Psycho-Anal.*, 64: 261-267.
- Sandler, J. (1976). Countertransference and role-responsiveness. *Int. review of psychonalysis*, 3: 43-47.
- Sapisochin, G. (2007). Variaciones post-freudianas del *Agieren*: sobre la escucha de lo puesto en acto. *Revista de psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica de Madrid*, 50: 73-102.
- Spillius, E. B. (1992). Clinical experiences of projective identification. In R. Anderson (Ed.), *Clinical lectures on Klein and Bion* (pp. 59-73), London: Routledge.
- Winnicott, D. W. (1974). Fear of breakdown. *International Review of Psycho-Analysis*, 1:103-107.
- Wisdom, J. O. (1967). Testing an interpretation within a session. *International Journal of Psychoanalysis*, 48: 44-52.

Recebido em 15/07/2015

Aceito em 14/09/2015

Tradução de **Lunara Pilecco**

Revisão técnica de **Vânia Dalcin**

**Jorge Luis Maldonado**

Av. Figueroa Alcorta 3085, 5° “B”,

Buenos Aires, CF. CP (1425) – Argentina

e-mail: jorgeluis Maldonado@arnet.com.ar

© Jorge Luis Maldonado

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA